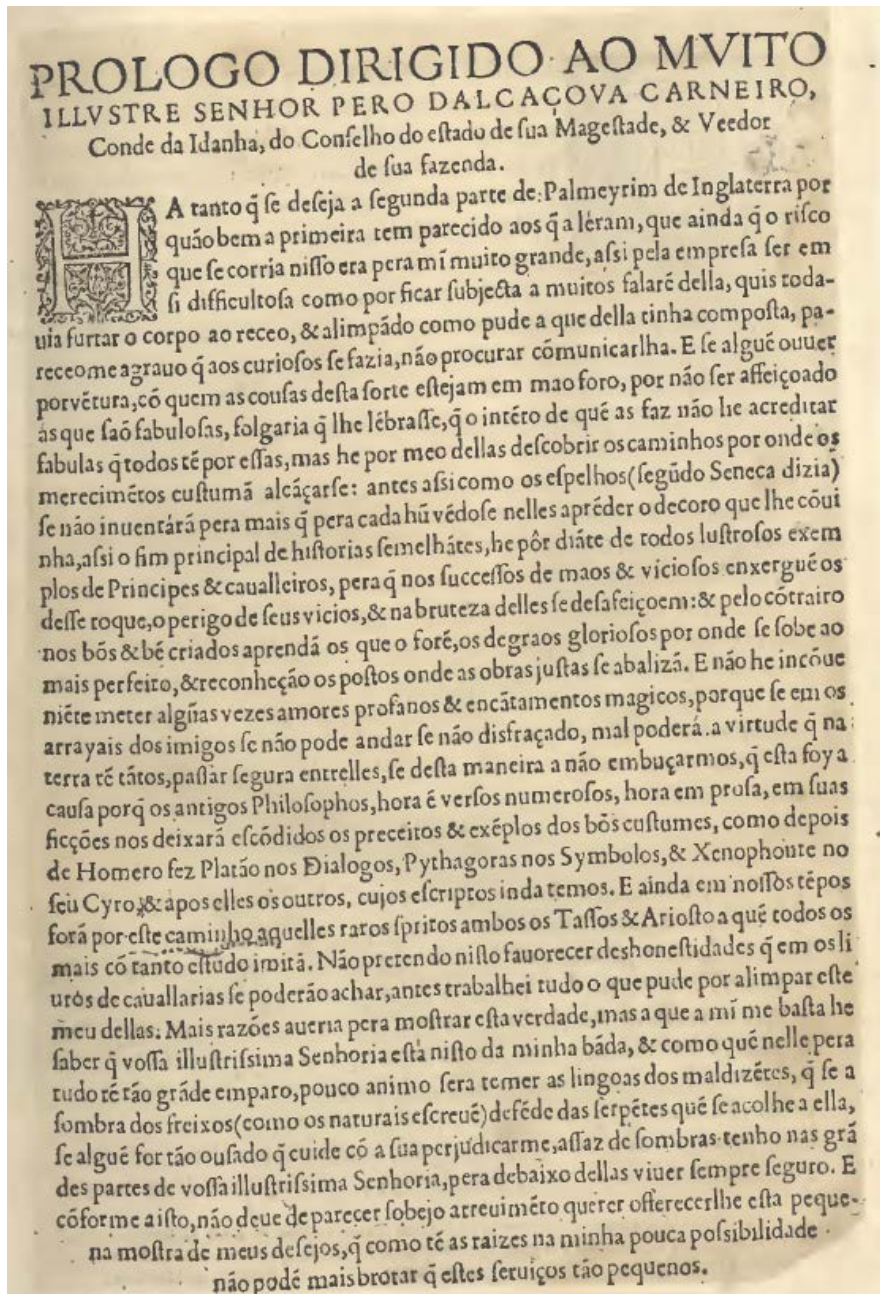




Palmeirim III-IV (1587)- Prólogo

Fac-símile

[{2r}]



Edição paleográfica

[{2r}] PROLOGO DIRIGIDO AO MVITO I ILLVSTRE SENHOR PERO DALCAÇOVA CARNEIRO, I Conde da Idanha, do Conselho do estado de sua Magestade,



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

& Veedor l de sua fazenda. | [*letra inicial decorada com motivo floral ocupando 4 linhas*] [H]A tanto *que* se defeja a segunda parte de *Palmeirim de Inglaterra* por | quão bem a primeira tem parecido aos *que* a leram, que ainda *que* o risco | que se corria niffo era para *mim* muito grande, allí pela empresa ser em | si difficultosa como por ficar subjecta a muitos falaren della, quis toda- | uia furtar o corpo ao receo, & alimpando como pude a que della tinha composta, pa- | receome agrauo q aos curiosos se fazia, não procurar *communicarlha*. E se alguen ouuer | porventura, *com* quem as coufas desta forte estejam em mao foro, por não ser affeçoado | as que são fabulosas, folgaria *que* lhe lembrasse, *que* o intento de *quem* as faz não he acreditar | fabulas *que* todos *tem* por essas, mas he por meo dellas descobrir os caminhos por onde os | merecimentos *custumam* alcançar-se: antes allí como os espelhos (segundo Seneca dizia) | se não inuentáram pera mais *que* pera cada hum vendose nelles aprender o decoro que lhe *comui* | nha, allí o fim principal de historias semelhantes, he pôr diante de todos lustrosos exem | plos de Principes & caualleiros, pera *que* nos successos de maos & viciosos enxerguem os | desse toque, o perigo de seus vicios, & na bruteza delles se defaçoem: & pelo *contraio* | nos bons & bem criados aprendam os que o forem, os degraos gloriosos por onde se fobe ao | mais perfeito, & reconheção os pontos onde as obras justas se abalizam. E não he incomue | niente meter algũas vezes amores profanos & encantamentos magicos, porque se em os | arrayais dos imigos se não pode andar se não difraçado, mal poderá a virtude *que* na | terra *tem* tantos, passar segura entrelles, se desta maneira a não embuçarmos, *que* esta foy a | causa porque os antigos Philosophos, hora *em* versos numerosos, hora em proza, em suas | ficções nos deixaram escondidos os preceitos & exemplos dos bõs costumes, como depois | de Homero fez Platão nos Dialogos, Pythagoras nos Symbolos, & Xenophonte no | seu Cyro, & apos elles os outros, cujos escriptos inda temo. E ainda em nossos tempos | foram por este caminho aquelles raros spritos ambos os Taffos & Ariosto a *quem* todos os | mais *com* tanto estudo imitam. Não pretendo nifto fauorecer deshonestidades *que* em os li | uros de cauallarias se poderão achar, antes trabalhei tudo o que pude por alimpar este | meu dellas. Mais razões aueria pera mostrar esta verdade, mas a que a *mim* me bafta he | saber *que* vossa illustíssima Senhoria está nifto da minha banda, & como *quem* nelle pera | tudo *tem* tão grande emparo, pouco animo fera temer as lingoas dos maldizentes, *que* se a | sombra dos freixos (como os naturais escreuem) defende das serpentes *quem* se acolhe a ella, | se *alguem* for tão oufado *que* cuide *com* a sua perjudicarme, affaz de sombras tenho nas gran | des partes de vossa illustíssima Senhoria, pera debaixo dellas viuer sempre seguro. E | conforme a isto, não deue de parecer sobejo atreumento querer offerecerlhe esta peque- | na mostra de meus desejos, *que* como *tem* as raizes na minha pouca possibilidade | não podem mais brotar *que* estes seruiços tão pequenos.

Edição crítica

[{2r}] Prólogo dirigido ao muito ilustre senhor Pero d'Alcaçova Carneiro, Conde da Idanha, do Conselho do Estado de Sua Magestade e Vedor de sua fazenda.

Há tanto que se deseja a Segunda Parte de *Palmeirim de Inglaterra* por quão bem a primeira tem parecido aos que a leram, que ainda que o risco que se corria nisso era para mim muito grande, assi pela empresa ser em si difficultosa como por ficar subjecta a muitos falarem dela, quis todavia furtar o corpo ao receo, e alimpando como pude a que dela tinha composta, pareceo-me agravo que aos curiosos se fazia não procurar comunicar-lha. E se



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

alguém houver, porventura, com quem as cousas desta sorte estejam em maõ foro, por não ser afeiçoado as que são fabulosas, folgaria que lhe lembrasse que o intento de quem as faz não é acreditar fábulas que todos tem por essas, mas é por meo delas descobrir os caminhos por onde os merecimentos costumam alcançar-se, antes assi como os espelhos, segundo Séneca dizia, se não inventaram pera mais que pera cada um vendo-se neles aprender o decoro que lhe convinha, assi o fim principal de histórias semelhantes, é pôr diante de todos lustrosos exemplos de principes e cavaleiros pera que nos sucessos de maos e viciosos enxerguem os desse toque, o perigo de seus vícios e na bruteza deles se desafeçoem, e pelo contrario, nos bons e bem criados aprendam os que o forem os degrãos gloriosos por onde se sobe ao mais perfeito e reconheçam os postos onde as obras justas se abalizam.

E não é inconveniente meter algũas vezes amores profanos e encantamentos mágicos, porque se em os arraiais dos imigos se não pode andar senão disfraçado, mal poderá a virtude, que na terra tem tantos, passar segura entr'eles, se desta maneira a não embuçarmos, que esta foi a causa porque os antigos filósofos, ora em versos numerosos, ora em prosa, em suas ficções nos deixaram escondidos os preceitos e exemplos dos bons costumes, como depois de Homero fez Platão nos *Diálogos*, Pitágoras nos *Símbolos*, e Xenofonte no seu *Ciro*, e após eles os outros, cujos escritos inda temo. E ainda em nossos tempos foram por este caminho aqueles raros espiritos ambos os Tassos e Ariosto, a quem todos os mais com tanto estudo imitam.

Não pretendo nisto favorecer deshonestidades que em os livros de cavalarias se poderão achar, antes trabalhei tudo o que pude por alimpar este meu delas. Mais razões haveria pera mostrar esta verdade, mas a que a mim me basta é saber que Vossa Ilustríssima Senhoria está nisto da minha banda e como quem nele pera tudo tem tão grande emparo, pouco ânimo será temer as línguas dos maldizentes, que se a sombra dos freixos, como os naturais escrevem, defende das serpentes quem se acolhe a ela, se alguém for tão ousado que cuide com a sua prejudicar-me, assaz de sombras tenho nas grandes partes de Vossa Ilustríssima Senhoria, pera debaixo delas viver sempre seguro. E conforme a isto, não deve de parecer sobejo atrevimento querer oferecer-lhe esta pequena mostra de meus desejos, que como tem as raízes na minha pouca possibilidade, não podem mais brotar que estes serviços tão pequenos.

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “Paratextos do *Palmeirim de Inglaterra III-IV (1587): prólogo*”, em *O Universo de Almorol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.